

ABERTURA DA TEMPORADA 2022



10, 11 e 12/ MAR
OSESP
NEIL THOMSON REGENTE
TEDI PAPAVERAMI VIOLINO

10.3 quinta 20H30
11.3 sexta 20H30 CONCERTO DIGITAL
12.3 sábado 16H30

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO – OSESP
NEIL THOMSON REGENTE
TEDI PAPAVERAMI VIOLINO

BEITHOR VILLA-LOBOS (1887-1959)
Bachianas Brasileiras nº 2: O Canto da Nossa Terra (1930)
6 MIN

JEAN SIBELIUS (1865-1957)
Concerto para Violino em Ré Menor, Op. 47 (1903-4)
1. ALLEGRO MODERATO
2. ADAGIO DI MOLTO
3. ALLEGRO MA NON TANTO
31 MIN

/INTERVALO 20 MIN
HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)
Uirapuru (1917)
20 MIN

MAURICE RAVEL (1875-1937)
La Valse (1919-20)
12 MIN

VILLA-LOBOS
Bachianas Brasileiras nº 2: O Canto da Nossa Terra

Criollo, crioulo, créole, crioulo. Presente em várias línguas, a palavra carrega inúmeras acepções, trazendo referências à origem territorial, étnica ou ancestral das pessoas. As culturas, impregnadas por suas práticas históricas de preservação do sangue, de linhagem e também de integração, conferem ao termo significados próprios e por vezes contraditórios entre si. As gerações brinçam com ele e as diferentes regiões de cada país também. O homem da cidade e o homem do campo usam o mesmo termo, mas falam de coisas diferentes. Seja qual for o significado imediato que desperta em cada um de nós, a palavra é um convite a pensar identidade, origem, pertencimento, aceitação e tolerância. O significado atribuído a ela reflete a relação que estabelecemos com a heterogeneidade humana.

No campo da música, os processos de colonização, imigração e miscigenação característicos de cada nação contemporânea resultaram na criação de obras de artes permeadas por alguma das múltiplas acepções da palavra *criollo*. O conjunto das *Bachianas Brasileiras*, de Villa-Lobos, é um claro exemplo, pois ao mesmo tempo que rende homenagem a um dos grandes expoentes da cultura musical germânica, propõe retratar um Brasil amplo e heterogêneo.

Inspiradas no legado de Bach, as *Bachianas nº 2* utilizam uma orquestra bem mais complexa que aquela conhecida no período barroco. Em um processo similar ao das sociedades ao longo da história, a maquinaria musical da orquestra somou vozes para construir sua identidade e potencializar sua força expressiva. Escrita em quatro movimentos, prática comum na composição de sinfonias desde o período clássico, a peça propõe um crescendo instrumental e dramático no qual diferentes instrumentos encarnam os vários fios da trama. Nos concertos desta semana, a Oseps apresenta o segundo movimento das *Bachianas*, a "Ária: O Canto da Nossa Terra".

Aqui, o violoncelo solo e o saxofone desenharam um canto profundo que cria sua identidade por meio de diálogos entre os dois instrumentos e da relação que tramam com os demais integrantes da orquestra. Villa-Lobos retrata o "cantar da nossa terra" numa obra que faz também referência ao capadócio, ao sertanejo e ao caipira, e ainda leva o ouvinte circular por diferentes espaços onde se pode ser ora local, ora forasteiro; ora bem-vindo, ora rejeitado. Se pode ser crioulo, mulato, caboclo, negro, branco, judeu, índio, cosmopolita, caipira, gaúcho, sertanejo. Que a universalidade da música e a experiência coletiva da orquestra e do concerto nos inspirem a criar mais cantos de terras onde cada um tem voz e onde cada uma dessas vozes constituem o mais caloroso e belo dos pronomes: nós.

(2014, revisado em 2022)

LUCRECIA COLOMINAS
É PROGRAMADORA ARTÍSTICA DA ORQUESTRA SINFÔNICA NACIONAL DA NOVA ZELÂNDIA, MESTRE EM PERFORMING ARTS ADMINISTRATION PELA ROOSEVELT UNIVERSITY E BACHAREL EM MÚSICA PELA UNESP, FOI ACESSORA ARTÍSTICA NA FUNDAÇÃO OSESP ENTRE 2011 E 2014.

SIBELIUS

Concerto para Violino

Quando Jean Sibelius completou 70 anos, um grande banquete foi organizado em sua homenagem. Entre os convidados estavam todos os antigos presidentes da Finlândia ainda vivos e os primeiros-ministros da Dinamarca, da Noruega e da Suécia. Essa ilustre companhia dá bem a medida da importância deste compositor que passou o ser símbolo da identidade musical finlandesa e figura de proa dentre os compositores escandinavos, mas ainda não reflete a dimensão internacional que seu nome viria alcançar.

Sibelius nasceu em 1865 na pequena cidade de Hämeenlinna e se mudou em 1885 para a capital, Helsinque, onde pretendeu se firmar como advogado. Tais planos foram rapidamente deixados de lado em favor da música. Antes de se decidir pela composição, pensava a sério na carreira de violinista profissional, mas ele mesmo acabou achando que não tinha temperamento adequado aos palcos e, não sem sofrimento, desistiu do violino. Completou a formação musical em Helsinque, depois em Berlim e Viena. E ainda que, como era a praxe na Europa de então, seu estilo inicial fosse fortemente calcado nos modelos clássicos vieneses, foi a identidade nórdica, procurada voluntariamente e cuidadosamente cultivada, que o catapultou para a fama.

Começou a carreira de sinfonista homenageando os românticos alemães e russos (especialmente Tchaikovsky) e também o austríaco Bruckner, mas terminou encontrando uma linguagem pessoal e atemporal. No século XIX, o centro irradiador da música sinfônica havia sido Viena e ainda era assim no início do século XX. Muita da música que se escrevia neste período soa vienesa, seja sua origem a Áustria, a Boêmia ou a Hungria. Os temas podiam buscar o folclore, a cor local, mas havia uma estética globalizante.

Embora tenha estudado em Viena, Sibelius conseguiu incorporar as influências dos principais compositores do passado recente e de sua época, sem, no entanto, perder a própria voz. Desenvolveu uma linguagem sinfônica própria e profundamente conectada ao espírito e às paisagens nórdicas, o que, paradoxalmente, é exatamente o que lhe confere indiscutível universalidade. "Se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia." A frase de Jean Tolstói se encaixa perfeitamente à obra de Jean Sibelius.

[...]

Em 1903, nasceu a quarta filha de Sibelius, Katarina. O compositor tentava administrar o crescente sucesso profissional e o temperamento instável, que adicionava ao alcoolismo e tendência de gastar dinheiro sem qualquer planejamento, o consumo exagerado de remédios e as noitadas com amigos. Em 1904, a mudança para uma casa próxima ao lago Tuusula, que viria a ser a moradia definitiva da família, foi uma medida tomada para fugir das tentações de Helsinque. Data também desse ano o *Concerto para Violino*.

Apesar de ter começado os estudos musicais pelo piano, como adolescente Sibelius se encantou pelo violino, que, como sabemos, chegou a dominar admiravelmente. Não é surpreendente, portanto, que escreva para o violino com intimidade evidente e que explore em sua partitura um universo de feitos e sonoridades. O *Concerto em Ré Menor* é um dos mais difíceis para o instrumento e um favorito de plateias no mundo todo. Muitas razões justificam tal popularidade: o virtuosismo instrumental que requer, além de técnica refinadíssima, um temperamento apaixonado; a riqueza da invenção melódica; o rigor da construção formal; a variedade do colorido orquestral; a grandiosidade deliberada; e o traço evocativo, dramático, que traz à mente imagens de estepes glaciais, campos de abismos, terrenos escorregadios, lobos famintos e perigos de toda sorte.

A música é organicamente construída, sem seguir o formato padronizado da forma sonata, e elabora lenta e meticulosamente os motivos que crescem e se aglutinam como um tecido lógico, em crescente emocional que cria impacto inescapável. Em que pese a escrita mais sombria do acompanhamento, ao violino e à orquestra são dados materiais igualmente importantes e assim se estabelece um cunho verdadeiramente sinfônico, sem nada da leveza habitual das partes orquestrais de concertos. A peça caminha de tenso drama existencial, com uma cadência estendida ocupando a maior parte do movimento central, para o caráter escancaradamente cigano, quase paganiânico do terceiro, uma *polonaise* cheia de fogos de artifício e sensualidade, em prolusão que parece tão natural que em nenhum momento sentimos que o virtuosismo é um fim em si mesmo.

Depois de uma estreia recebida com simpatia, mas não entusiasmada, em parte por falta do solista, que não estava à altura da partitura, em parte pela escassez do tempo de ensaio, Sibelius fez várias revisões que visavam uma depuração das ideias e que resultaram no concerto que se conhece hoje. Para muitos, é possível identificar na música circunstantes da própria vida do mestre, que no momento da criação da obra já era aclamado como o grande compositor de seu país, tinha vida bastante confortável e casamento estável, mas ao mesmo tempo sofria com a tendência à melancolia, refletida na bebida e na insolvência financeira que causavam preocupação à família e aos amigos. O concerto se desenvolve sobre bases formais e harmônicas sólidas, mas é permeado de uma tensão constante, de angústia e instabilidade que fazem com que, apesar do brilho e da exuberância excitante, chegue perto da alegria, mas nunca a atinja verdadeiramente.

Texto retirado da Revista Osesp 2022

LAURA RÓNAI
É DOUTORA EM MÚSICA E FLAUTISTA. PROFESSORA TITULAR DA UNIRIO, É CHEFE DO DEPARTAMENTO DE CANTO E INSTRUMENTOS DE SOPRO E DIRETORA DA ORQUESTRA BARROCA. FOI COLABORADORA DAS REVISTAS *EARLY MUSIC AMERICA*, *FLUTE TALK*, *GOLDBERG* E *FANFARE*.

VILLA-LOBOS

Uirapuru

O hiato entre a data declarada de composição (1917) e a estreia (1935, em Buenos Aires) sugere que *Uirapuru* é um dos casos em que Villa-Lobos após à partitura a data de concepção da obra, ao invés da data real de composição. No caso de *Uirapuru*, que, dentre suas obras executadas com mais frequência, é a mais original e intransigente moderna, a fixação da data de 1917 daria ao compositor a primazia na utilização de certos procedimentos musicais com que, em tese, ele só teria se familiarizado quando viveu em Paris nos anos 1920. O fato é que *Uirapuru* é, em larga escala, baseado em uma de suas primeiras obras sinfônicas, *Tédio de Alvorada*, poema sinfônico de 1916 (estreado em 1918), e sua beam provável que Villa-Lobos tenha trabalhado na radicalização de sua realização estética ao longo da década de 1920.

Uirapuru é um filho do modernismo internacional. Villa-Lobos não só manifesta seu constante interesse pela riqueza da textura, expansão tonal, colorido orquestral, fluidez de forma, simetria melódica e releitura de suas referências composicionais (sobretudo Wagner, Debussy e Stravinsky), como cria uma sonoridade especificamente brasileira, sem se servir diretamente de elementos folclóricos — e é exatamente essa atitude que faz dele um dos supremos inventores da cultura brasileira.

O compositor criou um argumento para a realização em forma de balé, talvez na esperança de que Diaghilev se interessasse em incluí-lo no repertório dos Ballets Russes, colaboração que, infelizmente, nunca se materializou. O *uirapuru* é um pássaro notável, mesmo fora da biodiversidade amazônica. Por viver somente nas profundezas da floresta e ter um canto extraordinariamente melodioso, afinado e variado, cujo poder de sedução faria todas as outras espécies ficarem em silêncio, o *uirapuru* carrega consigo uma forte carga mítica.

No enredo do bailado, grupos indígenas se veem embrenhados na floresta pela magia do canto do pássaro. Lá, uma jovem caça o *uirapuru* e o vê se transformar num jovem guerreiro. Ao final, morto por um índio invasor, ele volta a ser pássaro. Enredo e música produzem um eco bastante filtrado do *Prelúdio à Tarde de um Fauno*, de Debussy, e do *Pássaro de Fogo*, de Stravinsky. Villa-Lobos, sem o interesse pelo canto real à maneira de Messiaen, transforma o tema do *uirapuru* num modelo de simetria estilizada, que abre espaço a uma complexa rede de crescimento formal e harmônico. Especialmente depois de ser gravado por Leopold Stokowski, *Uirapuru* tornou-se, merceditamente, um cartão de visitas do Villa-Lobos modernista.

(2014)

FABIO ZANON
É VIOLONISTA, PROFESSOR VISITANTE NA ROYAL ACADEMY OF MUSIC E AUTOR DE *VILLA-LOBOS (SÉRIE "FOLHA EXPLICA")*, PUBLICIFOLHA, (2009). DESDE 2013, ELE É O COORDENADOR ARTÍSTICO-PEDAGÓGICO DO FESTIVAL DE INVERNO DE CAMPOS DO JORDÃO.

RAVEL

La Valse

Não há obra sinfônica de Maurice Ravel que não se constitua numa aula de orquestração. No caso de *La Valse* [A Valsa], poema coreográfico composto entre 1919 e 1920, chegamos ao ápice do virtuosismo sinfônico e do domínio da técnica de composição. A admiração de Ravel pela dança vienesa tem precedentes no ciclo *Valsas Nobres e Sentimentais*, de 1912. Mas, como disse o próprio autor, em *La Valse* predomina a *joie de vivre* da valsa francesa.

A obra foi encomendada ao compositor por Sergei Diaghilev, mas este jamais a encenou como um balé: a estreia, em dezembro de 1920, deu-se em forma de concerto e, até os dias de hoje, a peça tem sido predominantemente executada dessa maneira.

La Valse é obra de referência no repertório de todas as grandes orquestras mundiais. Ravel arquiteta uma série de temas valsantes, em tratamento formal rapsódico, embora o mais importante na composição sejam a textura e o tratamento motivico que o autor deu à sequência de melodias. Com sua mão de mestre e seu total domínio da massa orquestral, Ravel constrói e desconstrói sua grande valsa num jogo de sedução sonora irresistível, em que contrações, expansões e interpolações temáticas transformam o discurso sonoro em cintilante demonstração de sua técnica inabastável e sua imaginação poderosa.

(2009)

RONALDO MIRANDA
É COMPOSITOR E FOI PROFESSOR DO DEPARTAMENTO DE MÚSICA DA ECA-USP. EM 2020, A OSESP LANÇOU UM ÁLBUM, EM PARCERIA COM O SELO SESC, PARA CELEBRAR OS 70 ANOS DE MIRANDA. O CD CONTA COM PEÇAS COMPOSTAS POR RONALDO, SOB ENCOMENDA DA OSESP.

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Fundada em 1954, desde 2005 é administrada pela Fundação Osesp. Thierry Fischer tornou-se Diretor Musical e Regente Titular em 2020, tendo sido precedido, de 2012 a 2019, por Marin Alsop, que agora é Regente de Honra. Em 2016, a Orquestra esteve nos principais festivais da Europa e, em 2019, realizou turnê na China e em Hong Kong. No mesmo ano, estreou projeto em parceria com o Carnegie Hall, com a *Nona Sinfonia* de Beethoven cantada imediatamente em português. Em 2018, a gravação das *Sinfonias* de Villa-Lobos, regidas por Isaac Karabtschevsky, recebeu o Grande Prêmio da Revista *Concerto* e o Prêmio da Música Brasileira.

NEIL THOMSON REGENTE

Diretor Artístico e Regente Titular da Orquestra Filarmônica de Goiás desde 2016, o maestro inglês foi Regente Titular da Royal College of Music de 1992 a 2006, do qual é membro honorário. Já gravou com a Orquestra Sinfônica de Londres e dirigiu concertos com os Filarmônicos de Londres, de Teatino e Nacional Russa, as Sinfônicas da BBC e Yomiuri Nippon, além da Oseps. Lecionou no Mozarteum em Salzburgo, na Academia de Música de Cracóvia e em diversos festivais, incluindo o Festival de Inverno de Campos do Jordão.

TEDI PAPAVERAMI VIOLINO

Depois de concluir seu estudo aos quinze anos, Tedi continuou aperfeiçoando suas habilidades instrumentais e musicais por conta própria, na França. Natural da Albânia, Tedi Papavrami ganhou vários prêmios internacionais na década de 90 e embarcou em uma brilhante carreira solo e camerística. Além da carreira musical, Tedi traduziu para o francês as obras literárias do autor albanês Ismail Kadare e atuou na adaptação da série *Dangerous Liaisons* de Choderlos de Laclos, como Danceny, um violinista. Há muitos anos, Tedi apresenta as *Sonatas Completas para Violino* de Beethoven com o pianista François Frédéric Guy: sua gravação foi lançada em 2017. Em 2019, participou do álbum *Rendez Vous* (Avanti Classics) com o Concerto *Tripla* de Beethoven, junto a renomada pianista Martha Argerich e do violoncelista Misha Maisky. Tedi Papavrami agora vive em Genebra, na Suíça, onde é professor de violino na Haute École de Musique. Ele toca um violino feito para ele pelo luthier Christian Bayon.

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

DIRETOR MUSICAL E REGENTE TITULAR: THIERRY FISCHER

VIOLINOS
EMMANUELE BALDINI (SPALLA)
DAVI GRATO (MULLA)
YURI RAKEVICH
LEV VEKSLER (EMERITO)
IGOR SARUDJANSKY
MATTI VUORI
ALEXEY CHASHNIKOV
AMANDA MARTINS
ANDERSON FARINELLI
ANDREAS UHLEMANN
CESAR A. MIRANDA
CAROLINA KUELMANN
CAMILA YASUDA
CRISTIAN SANDU
DEBORAH MARIANO
ELENA KLEMENTIEVA
ELINA JODO
FLORIAN CRISTEA
GHEORGHE VOICU
INNA MELTSEV
IRINA KODIN
KATIA SPASSKOVA
LEANDRO DIAS
MARCIO AUGUSTO KIM
PAULO PASCHOAL
RODOLFO LOTA
SORAYA LANTINI
SUNG-EUN CHO
SVETLANA TERESHKOVA
TATIANA VINOGRADOVA

VIOLAS
HORACIO SCHAEFER (EMERITO)
MÁRIA ANGÉLICA CAMERON
PETER PAE
ANDRÉS FELPAGÉ
DAVID MARQUES SILVA
EDERSON FERNANDES
GALINA RAKHIMOVA
GILGA VASSILIEVICH
SARAH PIRES
SIBELIA GRINBERG
VLADIMIR KLEMENTIEV

VIOLONCELOS
HELOISA MEIRELLES
RODRIGO ANDRADE
ADRIANA HOLTZ
PEDRO MARINHO
DOUGLAS KIER
JIN JODI
MÁRIA LUISA CAMERON
MARILBI TRISGLO
RESINA VASCONCELOS
BRENO BARONE

CONTRABAIXOS
ANA VALERIA POLES
PEDRO GADELHA
MARCIO DELESTRE
MAX ERBERT
ALEXANDRE ROSA
SIBELIA GRINBERG
CLAUDIO TOREZAN
JEFFERSON COLLACICO
LUCAS AMORIM ESPOSITO
NEY VASCONCELOS

HARPAS
LÍBIA KLEVTSOVA
BRENDA OLIVIERI

FLAUTAS
CLAUDIA NASCIMENTO
FABÍOLA ALVES PICCOLO
JOSE ANANÍAS
SÁVIO ARAÚJO

OBOÉS
ARCÁDIO MINCZUK
JODEL GIGER
NATAN ALBUQUERQUE JR. (CORNE INGLÊS)
PEDRO APPE
RICARDO BARBOSA

CLARINETES
OVANIR BOURSI
SERGIO BURGAN
NIVALDO COSTA (CORNE)
DANIEL ROSAS
GUILIANO ROSAS

FAGOTES
ALEXANDRE SILVÉRIO
JOSÉ ARION LINAREZ
RONELI RABELO CONTINAGIOTE
FRANCISCO FORMIGA

TROMPAS
LUIZ GARCIA
ANDRÉ GONÇALVES
JOSE COSTA FILHO
NIKOLAY GENOV
LUCIANO PEREIRA DO AMARAL
EDUARDO MINCZUK

TROMPETES
FERNANDO DISSENHA
ALFREDO LIMA
ARMANDO YAMADA
EDUARDO GIANESSELLA
RUBEN ZUNIGA

TROMBONES
DARCIO GIANELLI
WAGNER POLISTCHUK
ALEX TARTAGLIA
FERNANDO CIRIACI
TROMBONE BAIXO
DARRIN COLEMAN MILLING

TUBAS
FILIPE QUEIROZ

TIMPÃNS
ELIZABETH DEL GRANDE (EMERITO)
RICARDO BOLOGNA

PERCUSSÃO
RICARDO RIGHINI (PERCUSSÃO)
ALFREDO LIMA
ARMANDO YAMADA
MARCOS MOTTA
RUBEN ZUNIGA

TECLA
OLGA KOPYLOVA
INGRID USMÁCELESTÁ

CONVIDADOS DESTA PROGRAMAÇÃO
GERSON NONATO (VIOLINO)
ELISA MONTEIRO (VIOLA)
MARIANA AMARAL (VIOLONCELO)
DOUTOR CARLOS ROSAS (OBOÉ)
MARCOS MOTTA (TROMPA)
SANDRA VIEIRA (FAGOTE)
ALLAN MARQUES (TROMBETE)

OS NOMES ESTÃO RELACIONADOS EM ORDEM ALFABÉTICA, POR CATEGORIA, INFORMAÇÕES SUJEITAS A ALTERAÇÕES.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

GOVERNADOR: JOÃO DORIA
VICE-GOVERNADOR: RODRIGO GARCIA
SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETÁRIO: SERGIO SÁ LEITÃO
SECRETARIA EXECUTIVA: CLAUDIA PEDROZO
CHEFE DE GABINETE DA CULTURA E ECONOMIA CRIATIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO: FREDERICO MASCARENHAS
COORDENADOR DA UNIDADE DE DIFUSÃO CULTURAL, BIBLIOTECAS E LETURAS: CHRISTIANO LIMA BRAGA

FUNDAÇÃO OSESP

PRESIDENTE DE HONRA: FERNANDO HENRIQUE CARDOSO
CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE: PEDRO PULLEN PARENTE
VICE-PRESIDENTE: STEFANO BRIDELLI
CONSELHEIROS: ANA CARLA ABRÃO COSTA, CELIA KOCHEN PARNES, CLAUDIA NASCIMENTO, JAYME GARPINKINEL, LUIZ LARA, MARCELO KAVATH, MARIO ENGLER PINTO JUNIOR, MÔNICA WALDVOGEL, PAULO CEZAR ARAÇÓ, SERGIO GUSMÃO SUCHODOLSKI, TATYANA VASCONCELOS, ARAÚJO DE FREITAS
DIRETOR EXECUTIVO: MARCELO LOPES
DIRETOR ARTÍSTICO: ARTHUR NESTROVSKI
SUPERINTENDENTE GERAL: FAUSTO A. MARCUCCI ARRUDA

REALIZAÇÃO: ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA FUNDAÇÃO OSESP

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA | MINISTÉRIO DO TURISMO | PATRIMÔNIO CULTURAL DO BRASIL GOVERNO FEDERAL

Instagram: /osesp, /osesp_, /videosesp, /osesp; Facebook: /saloaspaulo, /saloaspaulo_; YouTube: /saloaspaulodigital

osesp.art.br | saloaspaulo.art.br | fundacao-osesp.art.br